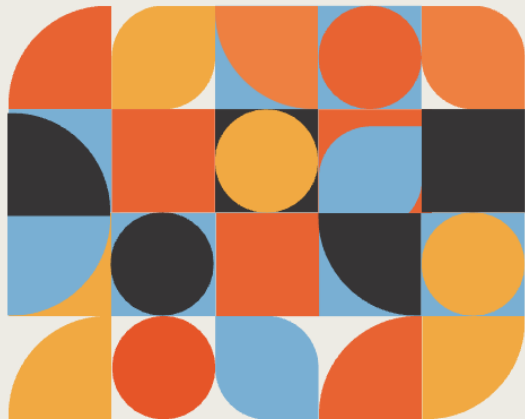




COSTURAR O TEMPO: REMENDO, AFETO E PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA

To Stitch Time: Repair, Care, and Acts of Resistance

Barbosa Ramos, Regina; Doutora em Design PPG Design (UAM-SP), reginabarbosaramos@gmail.com¹
PPG Fashion Law – Faculdade de Direito – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Passion Project Mentor – Escola Concept São Paulo
Brasilis Collective – Coletivo de Design, Moda e Sustentabilidade – Co-Fundadora

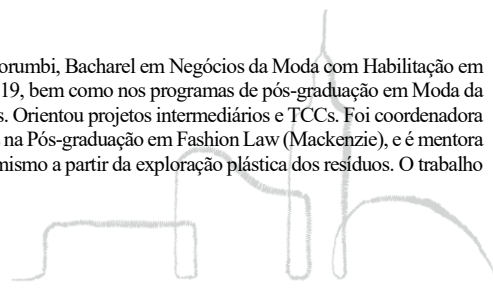
Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre as práticas de costura e, em especial, o visible mending (reparo visível) como linguagem simbólica e política, situada na interseção entre design, sustentabilidade e subjetividades femininas. Considerando a crítica à lógica do consumo acelerado e ao desperdício têxtil, discute-se como o gesto manual do remendo pode se configurar como prática de cuidado, memória e resistência afetiva. A pesquisa se fundamenta em autores que articulam design crítico, cultura material e práticas manuais, como Fletcher e Grose (2011), bell hooks (1994), Parker (1984), Buszek (2011), entre outros, compondo um panorama sensível da costura como gesto transformador.

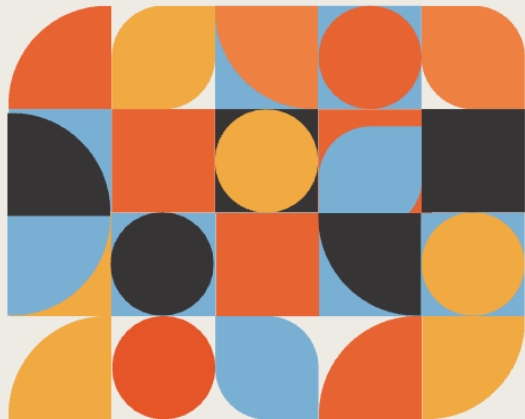
Palavras-chave: Reparo visível; Design Sustentável; Subjetividades Femininas; Resistência Afetiva; Cultura Material.

Abstract: This article proposes a reflection on sewing practices and, in particular, on visible mending as a symbolic and political language situated at the intersection of design, sustainability, and feminine subjectivities. Considering critiques of fast consumption and textile waste, it explores how the manual act of mending can be understood as a practice of care, memory, and affective resistance. The research is grounded in authors who articulate critical design, material culture, and manual practices—such as Fletcher and Grose (2011), bell hooks (1994), Parker (1984), Buszek (2011), among others—thus composing a sensitive panorama of sewing as a transformative gesture.

Keywords: Visible mending; Sustainable Design; Feminine Subjectivities; Affective Resistance; Material Culture.

¹ Regina Barbosa Ramos (ID Lattes: 4118251129115472) é Doutora e Mestre em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, Bacharel em Negócios da Moda com Habilitação em Design de Moda pela mesma instituição. Esteve docente das graduações em Design e Negócios da UAM entre 2007 e 2019, bem como nos programas de pós-graduação em Moda da mesma instituição e do Senac-SP, atuando principalmente nas disciplinas ligadas às visualidades e aos processos criadores. Orientou projetos intermediários e TCCs. Foi coordenadora de criação de projetos de extensão de cunho social e ambiental. Na atualidade, leciona Micropolíticas dos Artefatos Têxteis na Pós-graduação em Fashion Law (Mackenzie), e é mentora de Projetos de Paixão na Escola Concept. Desenvolve, junto ao Brasilis Collective, uma narrativa crítica acerca do consumismo a partir da exploração plástica dos resíduos. O trabalho do coletivo foi exibido na Austrália entre os anos de 2017 e 2024, em parceria com o RMIT.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

“Costurar é desenhar com o tempo.”

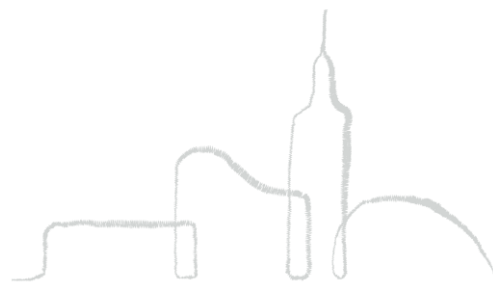
— *Isol (Marisol Misenta), artista e escritora argentina*

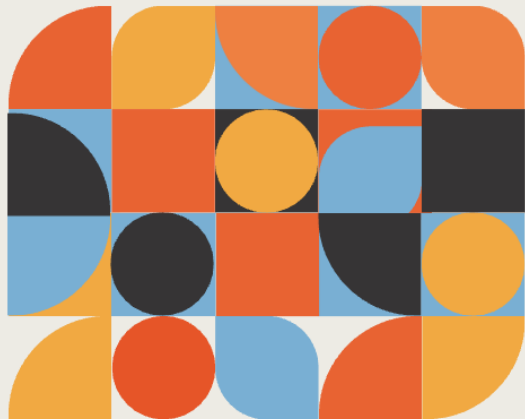
Um dos grandes desafios contemporâneos do Design reside em revisitar os modos como produzimos, consumimos e nos relacionamos com os objetos. Vivemos em uma sociedade marcada pelo excesso e pela descartabilidade, que atravessam nossas relações com as pessoas, lugares, situações, experiências e, inclusive com os objetos. Neste cenário, recuperar o gesto artesanal adquire potência crítica. Assim, a proposta deste artigo é conduzir uma mirada atenta acerca do remendo visível (visible mending), como linguagem regenerativa e política. O que se costura, afinal, quando se remenda?

Adota-se uma perspectiva ao mesmo tempo crítica e sensível para investigar o remendo visível, uma vez que é percebido como prática que articula Design, afeto e sustentabilidade. É a partir dessas premissas que busca-se compreender de que modo o reparo visível pode figurar como expressão estética e política; ao reconhecer suas relações com subjetividades femininas e práticas de resistência micropolítica; para então refletir sobre os vínculos entre materialidade, memória e ética do cuidado em experiências contemporâneas de Design Têxtil.

Para tanto, adota-se uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, fundamentada em revisão bibliográfica crítica e análise interpretativa. O trabalho dialoga com autoras e autores como Rosane Preciosa, bell hooks, Rozsika Parker, Maria Elena Buszek, Lauren Sinner, Peter Stallybrass e Eduardo Galeano, cujas contribuições se entrelaçam na construção de um arcabouço teórico que articula Design, práticas manuais e cultura material. São também mobilizados relatos de artistas e coletivos contemporâneos ligados ao craftivismo, bem como experiências e práticas de resistência têxtil na América Latina, como os pañuelos das Mães da Plaza de Mayo e as arpilleras chilenas.

Conforme este texto/têxtil é tecido, mais do que o remendo, mas o próprio gesto de reparar será tratado principalmente como ação afirmativa nos territórios simbólico, estético e político, e dessa forma certamente ético, bordando assim uma maneira de reinscrever o tempo e o afeto nas superfícies do mundo.





O remendo como linguagem: entre estética, afeto e política

Faz muito tempo, passando férias na casa de parentes no interior de São Paulo, fiz um rasgo em uma camisa. Eu não percebi, mas era um rasgo considerável que só notei quando a camisa voltou da lavagem com um remendo delicadíssimo, cerzido com pontos miúdos, com um pequeno retalho adicionado à camisa xadrez em azul e branco, não no mesmo padrão, mas nas mesmas cores e com a mesma estrutura do tecido original.

O trabalho delicado havia sido realizado pela dona Eusébia, chamada também de “Vó”, funcionária da casa por muitos anos. Uma senhora chegada havia muitos anos do interior de Minas Gerais e analfabeta, que era conhecedora de técnicas intrincadíssimas e cuidou daquela peça. Fico imaginando o tempo dedicado a encontrar o retalho e depois cada ponto miudinho, regular, feito com a intenção de esconder o que eu nem havia notado que havia acontecido.

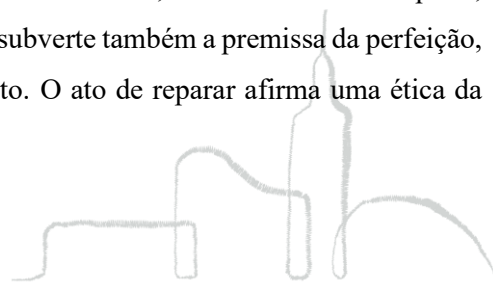
A despeito das intenções da Vó, o remendo expôs o que desejava disfarçar.

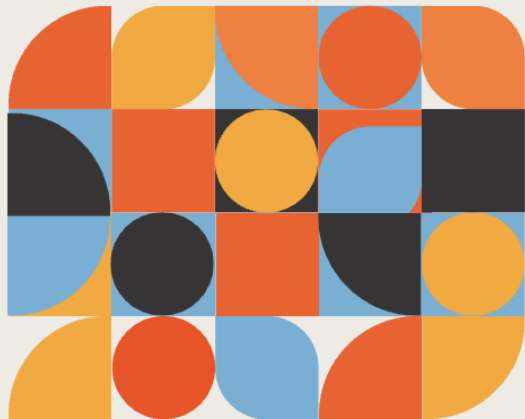
O que investigamos, nesta seção, são as escolhas que divergem das da dona Eusébia, aquelas que optam deliberadamente por tornar os pontos visíveis e abraçam os danos, transformando em beleza as falhas e os esgarçamentos. A essa prática nomeia-se poética da imperfeição, residente na recusa à lógica do consumismo e da perfeição estética, evita a substituição por meio do cuidado e faz dos incidentes da vida algo para ser evidenciado e lembrado. Como efeito, promove o prolongamento do ciclo o uso das peças cujo sentido está na permanência daquilo que foi vivido, contrariando a ideia de preservação intocada.

Remendar reivindica o avesso exposto como o direito da roupa, faz do ponto um elemento de linguagem e das roturas uma possibilidade estética, invertendo a lógica simbólica, quando exhibe as falhas, desgastes, sinais do tempo passado e os torna evidências de vida, afeto e permanência.

O remendo tornado visível é testemunho escrito com linhas sobre superfícies carregadas das memórias de um corpo que habitou e deu sentido ao artefato-roupa. Cada ponto, reconhece, assim, o tempo passado e a história daquela peça, dignificando no tecido os modos de lidar com o mundo, com cuidado, escuta e atenção às coisas vividas por seu usuário. É assim que se entende o remendo como linguagem ao mesmo tempo simbólica e política.

Enquanto prática, o remendo visível se ocupa de reparar os vínculos com os objetos. É uma escolha que se faz ativamente, em que se tem, de um lado, o descarte devido do desgaste, e, do outro lado, intencionalmente reparar, transformando em estética uma decisão que é, sobretudo, ética. A lógica do reparo subverte também a premissa da perfeição, uma vez que se valoriza e evidencia, por meio do remendo, a falha e o imperfeito. O ato de reparar afirma uma ética da





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

permanência perante a impermanência, e da sensibilidade, em oposição franca às imposições da cultura visual que valoriza a perfeição e se alimenta das substituições de estilo que estimulam o consumismo.

De acordo com Rozsika Parker (1984), os trabalhos de agulha, mais especificamente o bordado, estão historicamente associados às práticas domésticas, íntimas, femininas e, por isso mesmo, invisibilizadas. No entanto, em exemplos que ela oferece em sua obra e naqueles que coletamos para a construção da presente investigação, entende-se que quando tais práticas atravessam o espaço doméstico e se reposicionam, criando territórios potentes de resistência simbólica. A agulha, instrumento silencioso e ancestral, marca – como denominam o ponto-cruz nos interiores do Brasil – ponto a ponto, uma outra forma de estar no mundo. Assim, o remendo transborda a sua função utilitária, assumindo o papel de signo, na medida em que comunica sobre os sujeitos – tanto aquele que remenda quanto para quem se remenda algo – do tempo e das escolhas políticas que constroem o tecido da vida cotidiana.

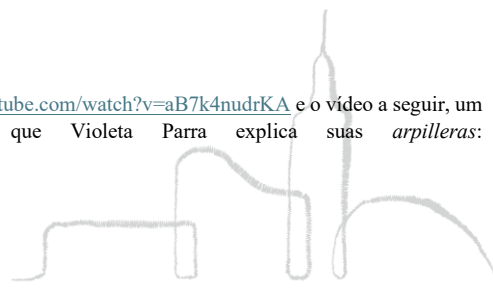
Subjetividades em resistência: costura, memória e micropolíticas latino-americanas

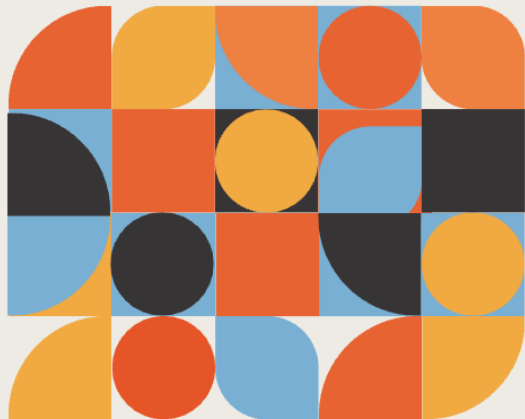
Na história da Latinoamérica, os trabalhos de agulha têm sido amplamente utilizados, não apenas como forma de expressão estética e produção utilitária – daquilo que veste o corpo e/ou a casa, protege, carrega e representa – mas também se prestam a ser instrumento de denúncia, memória e sobrevivência, configurando o que chamamos têxteis de resistência. São produto de saberes associados ao fazer feminino, transmitido de geração para geração, que se tornam linguagem coletiva em momentos de trauma social e repressão política. É nesse entrelaçamento entre o íntimo e o histórico que a costura adquire força micropolítica, presentificando vidas que se desejam ausentes.

São exemplos de tais produções as *arpilleras* chilenas — superfícies construídas com retalhos aplicados com pontos de bordado, originadas em Ninhue e Isla Negra e que retratam tradicionalmente paisagens e o cotidiano campesino e que, durante a ditadura de Pinochet, foram utilizadas por mulheres na tessitura de testemunhos que transformam dor em arte e se tornaram suporte de uma resistência que, impossibilitada de falar, desenhavam o grito coletivo².

Outro exemplo, que tenho investigado com maior profundidade, são os *pañuelos blancos*, os lenços que as Mães da Plaza de Mayo levam sobre as cabeças, como distintivo, e que simboliza a busca por seus filhos feitos desaparecer pela

² Para um contato introdutório, indico o documentário Periódico de Tela (2007), disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=aB7k4nudsKA> e o vídeo a seguir, um excerto do documentário “Viola Chilensis” (2003 – na íntegra no YouTube) em que Violeta Parra explica suas *arpilleras*: <https://www.youtube.com/watch?v=qSRbsreG2M8>





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

violência de Estado durante a ditadura na Argentina. O *pañuelo* tornou-se símbolo da demanda por Memória, Verdade e Justiça, um símbolo em si, reconhecível e que abala sistemas de poder³.

Quando apropriadas como descrito acima, essas práticas reverberam representações do passado recente nas ações de coletivos e artistas – dos quais falaremos adiante - que recuperam o trabalho manual para posicionar-se politicamente. As mulheres da Latinoamerica bordam o cotidiano a fim de materializar sua subjetividade em representações e artefatos que subvertem a lógica dominante que alterna consumo e esquecimento. Reparar, torna-se, dessa forma, um modo de existir que resiste por meio dos detalhes, da insistência e da permanência, em que linha é voz e contorno.

Em consonância, encontramos o argumento de bell hooks (1994), para quem o pertencimento cultural se constrói por meio de práticas cotidianas que reforçam o cuidado e a memória coletiva. Ao costurar, bordar ou remendar com intencionalidade, praticantes contemporâneas reinscrevem essas tradições em um vocabulário expandido: o da política sensível. Nesse vocabulário, cada ponto é uma palavra, cada fio é continuidade, cada imperfeição, uma verdade experienciada.

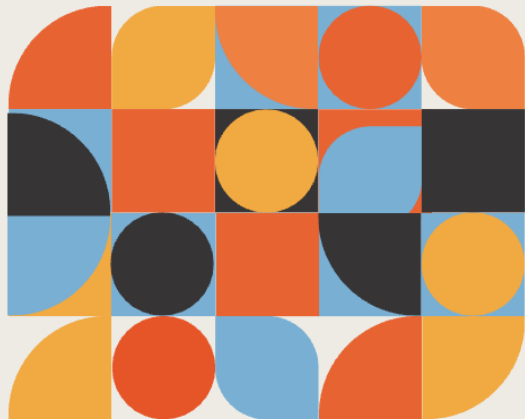
O que emerge, então, é uma ética tecida na delicadeza, mas que é também contundente: afirmar a vida que pulsa nas margens, nos fios soltos, nas dobras da história oficial. Essas práticas — muitas vezes silenciosas — revelam o poder transformador daquilo que se faz com as mãos e do cuidado como insurgência, reafirmando o fazer manual como forma de inscrever o tempo no tecido do mundo.

O remendo como linguagem simbólica

A costura — em especial o bordado e suas derivações — constitui um território de produção simbólica, geralmente associado ao universo feminino e às esferas do privado, do doméstico e do cuidado. Tais práticas são constantemente vistas como menores, dissociadas das esferas artísticas e simbólicas, invisibilizadas por sua associação imediata com a utilidade. Por outro lado, ou, antes, por isso mesmo, propõem subversão em gestos familiares que se movimentam entre a doçura e a crítica. Como afirma Rozsika Parker (1984), o bordado abriga tensões latentes, uma vez que pode ser tanto contenção quanto expressão, tanto imposição quanto liberdade — permitindo ao privado que se torne público, compondo linguagem a partir de práticas silenciosas e íntimas.

³ Indico algumas produções para se acerrar dessa temática. São os filmes *A História Oficial* (1985 – vencedor do Oscar de Melhor Filme Internacional), Argentina 1985 (2022 – vencedor do Globo de Ouro de Melhor Filme Estrangeiro) e o documentário *Todos Son Mis Hijos* (disponível na página da Associação das Mães da Plaza de Mayo).





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Enquanto gesto estético e político, o remendo visível se vale de uma linguagem que deriva das ferramentas, elementos e técnicas dos trabalhos de agulha a fim de criar um léxico próprio em que linhas, superfícies e texturas se combinam sobre um suporte em que a memória do corpo habita. Nesses termos, costurar, bordar, tecer e remendar equivalem a contar com agulha e linha o que o tempo desgasta e que, na falta, torna-se ainda mais evidente. Remendar é resistência à dissolução oriunda do uso e da obsolescência. Cada ponto visível se torna um gesto de escuta — do tecido, de quem o vestiu, de quem o reparou. Cada ponto que repara sinaliza presença, vínculo e intenção.

Faz alguns anos, tentando compreender práticas de sustentabilidade associadas à Moda, fui apresentada ao trabalho de Lauren Sinner⁴ e à prática do remendo visível (figura 1). Em seu trabalho sobre o têxtil, Lauren Sinner articula técnica e engajamento político, em que os tecidos das roupas são suportes para histórias em que são investigados os atravessamentos entre intimidade, coletividade, corpo e cultura.

Figura 1: The Mending Project: “Um bom remendo requer amor” – Lauren Sinner (2014)



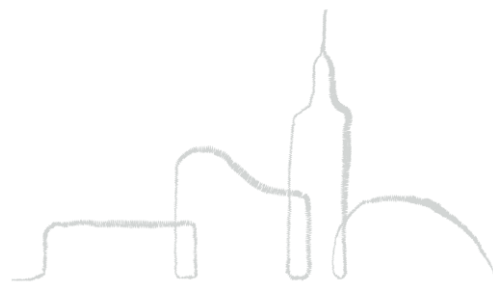
THE MENDING PROJECT

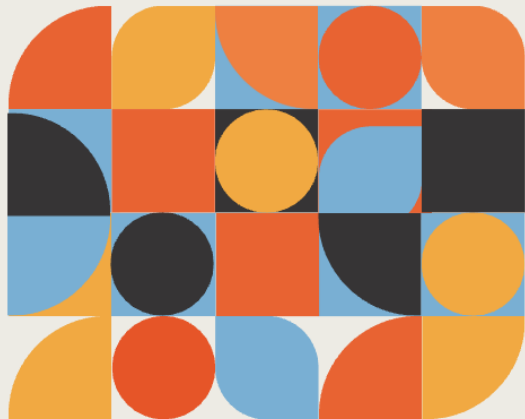
2014–ongoing

*A good mend requires love. This sentiment was said to me by a close friend after I mended and returned a pair of jeans to him. It brings me great joy to spend time repairing loved, but worn out garments for people that I, too, love. I started *The Mending Project* in order to explore notions of healing and repair in relation to community building and personal mental health, and to see how mending clothes for other people would affect my art making practice as well as my relationships. It began by putting out a call to my close friends to bring me any article of clothing in need of repair. With little to no training, I darned moth holes, boro stitched crotches, and patched ripped elbows. Using brightly colored contrasting thread, I highlighted the wear and tear the garment has gone through—a badge of honor to proudly sport.*

Fonte: <https://www.laurensinner.com/mending#/the-mending-project/> - acesso em 15 de Julho de 2025 – 11:49

⁴ Para mais, acessar: <https://www.laurensinner.com/mending>





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Celia Pym⁵, cujo trabalho conheci por meio do olhar curador da craftivista Betsy Greer, toma como suporte roupas danificadas e faz delas objetos de memória e escuta. As roupas que repara estão cheias da vida de quem as vestiu e os reparos que realiza tratam de evidenciar as maneiras de existir de seus usuários (figuras 2, 3, 4 e 5). O resultado é comovente na expressão do cuidado, na compreensão dos puimentos, e das deformações que corporificam o usuário do artefato reparado. Ao evidenciar o uso por meio do reparo visível, abre-se espaço para imaginar o caminhar e os caminhos percorridos pelos pés que antes calçavam as meias remendadas. O tempo do desgaste e o do reparo se fundem, como forma de atenção radical.

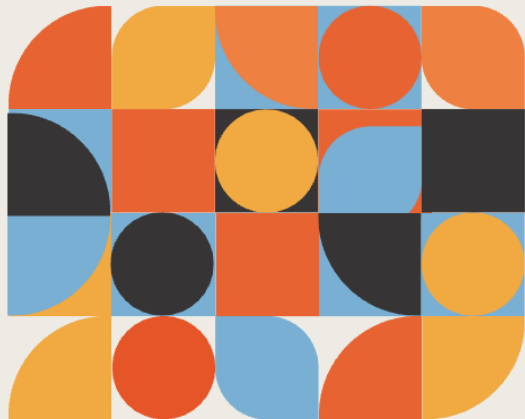
Figura 2: Bill's sweater – Celia Pym (2017)



Fonte: <https://celiapym.com/work/1558-2/> - acesso em 15 de Julho de 2025, 11:56.

⁵ Para mais, acessar: <https://celiapym.com/>





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Figura 3: Ros' sweater – Celia Pym (2017)



Fonte: <https://celiapym.com/work/1558-2/> - acesso em 15 de Julho de 2025, 11:56.

Figura 4: Bill's sweater and Ros' sweater – Celia Pym – 2017



Fonte: <https://celiapym.com/work/1558-2/> - acesso em 15 de Julho de 2025, 11:56.



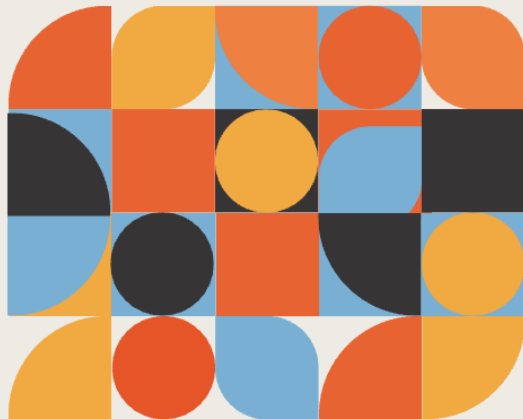


Figura 5: Registro escrito da narrativa de vida das peças de Bill e Ros. Celia Pym (2017)

Bill, retired GP, 94 Bill was our family GP when I was a child. Bill's wife Ursie was a painter. She painted pictures of women, children, families and couples. I met Bill at his house to look at his sweater. I sat on a chair and Bill sat on the edge of the bed the sweater between us. Ursie had knit it for him. He had chosen the colour and she had made it. He said Ursie was a very good knitter, and told me a story about how once they'd been to Greece and she'd seen a very complicated knit hat that she liked. She examined it and when they got home she knit it from memory. Bill wasn't sure but thought the sweater was about 30 years old. We sat like this for a while talking about Ursie and knitting. Later we had a cup of tea in the garden and caught up on people we knew. It was a lovely afternoon.

Ros, Intensive Care Nurse, 32 Ros and I studied nursing together and she is a lover of textiles. We met at my house and as soon as Ros arrived we looked at her sweater. We were both excited as she had told me it was in need of some serious mending. Ros said the sweater belonged to her Mum. Later she showed me some pictures of her Mum wearing it, Ros is around 3 years old in the photos. Ros' Grandma had bought the sweater for Ros' Mum in Oxford in the 1970s. Ros didn't know who'd made it and there's no label to give any clues. Somewhere down the road it became Ros' sweater and it is one of her favourites, especially if she wants to feel cosy. Ros showed me where her Mum had already mended the cuffs a couple of times. Her Mum's mending is very neat and almost invisible. We looked at the sweater some more and my notes recorded the holes as: elbow R, armpit L, cuffs small L+R, diamond on elbow L loose. This made us laugh because written down it didn't feel like there were so many holes.

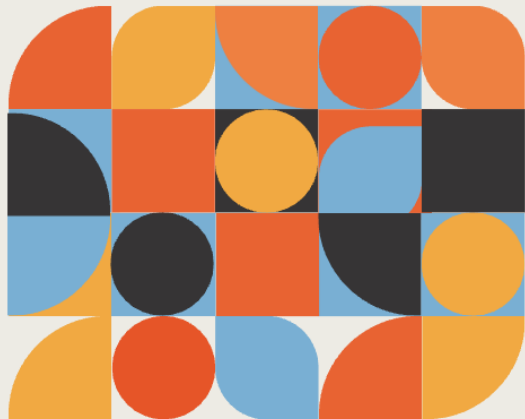
Fonte: <https://celiapym.com/work/1558-2/> - acesso em 15 de Julho de 2025, 11:56.

Nos dois trabalhos, o remendo evidencia na peça a narrativa de corpos e, no processo, articulam luto, cura, pertencimento e resistência. Além disso, o remendo responde à imposição das estéticas *clean* que entre hoje e amanhã deverão ser substituídas por outras, ainda menos comprometidas com a presença e a vida. Nesse sentido, remendar é, ao mesmo tempo, recusa e reconexão. As marcas evidenciadas pelo reparo visível afirmam a vida vivida, privilegiam as falhas promovidas pelo tempo passado e recusam o apagamento da passagem do tempo.

Subjetividades femininas e práticas de resistência

A costura, quando realizada com intenção, ultrapassa sua função técnica e adquire potência política. Ao bordar memórias, reparar ausências ou costurar silêncios, muitas mulheres inscrevem seus corpos e histórias em superfícies têxteis, recusando o apagamento cotidiano operado pelas estruturas do consumo e do esquecimento. Como aponta bell hooks (1994), a construção da identidade cultural está profundamente enraizada em práticas que envolvem o cuidado, o pertencimento e a memória coletiva. É nesse entrelaçamento entre gesto íntimo e posicionamento ético que surgem práticas de resistência micropolítica — aquelas que não se impõem pelo estrondo, mas pelo detalhe, pelo afeto, pelo tempo oferecido ao fazer.

O termo **craftivismo**, popularizado por Betsy Greer, sintetiza essa confluência entre o fazer manual e ativismo, mostrando como saberes tradicionalmente femininos e, portanto, subvalorizados — em que figuram a costura, o crochê, o tricô e o bordado — podem tornar-se ferramentas de engajamento social e político. Em **Extra/Ordinary**, Maria Elena Buszek (2011) defende que as práticas manuais não apenas expressam formas pessoais de resistência, mas também ampliam o campo da arte e do design ao desafiar dicotomias entre arte e artesanato, privado e público, estético e político.



Nesse mesmo espírito, David Gauntlett (2011) argumenta que fazer com as próprias mãos — criar, reparar, transformar — fortalece os laços afetivos com os objetos e amplia o senso de conexão com o mundo. O ato de restaurar o que seria descartado carrega em si uma dimensão simbólica: reinscreve valor, devolve sentido e prolonga a existência daquilo que resistiu ao tempo.

Assim o reparo na forma de remendo investe-se de prática tanto regenerativa quanto narrativa, escreve o desejo de um mundo de permanências.

Nas subjetividades/objetividades femininas da Latinoamérica, essas práticas estão também enraizadas em histórias de insurgência contra opressão, de luta e ancestralidade. As mulheres — mormente as das periferias — têm no têxtil muitas maneiras de sobreviver, desde a produção que permite a subsistência, mas também da possibilidade de expressar-se e permanecer em seus afetos, na ancestralidade e no encontro com as tramas que os movimentos contemporâneos buscam esgarçar. O remendo visível fala de um mundo imperfeito, repleto de intencionalidade e de presença, costurando ponto a ponto um mundo possível.

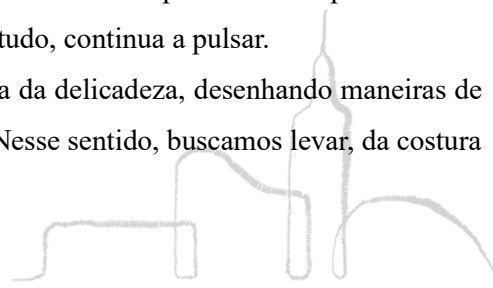
Considerações finais

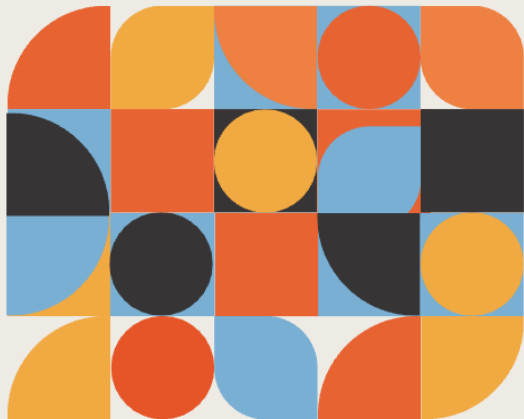
O remendo visível demanda tempo e empatia, no sentido em que pede disposição para aprender a ver e compreender por meio dos objetos as vidas e como estas foram vividas. Mais do que reparar desgastes, remendar é uma prática regenerativa que desafia a lógica do consumo acelerado e do descarte. A intencionalidade do reparo transforma o tecido e o sujeito, investindo de beleza e valor as roturas de algo que parecia fadado ao descarte.

Ao longo deste artigo, argumentamos que o remendo visível deve ser compreendido como linguagem simbólica e política — gesto que atravessa não apenas o campo do Design, mas também o da memória, do cuidado e das subjetividades femininas especialmente aquelas localizadas na Latinoamérica. A partir de uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, demonstramos como práticas historicamente associadas ao universo doméstico e marginalizado, como a costura e o bordado, podem constituir formas de resistência micropolítica, narrativa pessoal e posicionamento ético diante do mundo.

Na costura entre tempo, afeto e permanência, emerge a possibilidade de uma vestir que se deixa reparar — que valoriza a imperfeição não como falha, mas como vestígio de vida. O ponto visível não é visto apenas como reparo. É antes testemunho do que se viveu, dos cuidados dados e recebidos, e do que, apesar de tudo, continua a pulsar.

Assim, remendar dá forma a uma prática poética do cuidado, da política da delicadeza, desenhando maneiras de habitar o mundo em um passo mais lento em que olhos e mãos são mais atentos. Nesse sentido, buscamos levar, da costura





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

à mão a sabedoria do tempo que com pontinhos pequenos e insistentes, evidencia no tecido da vida uma superfície de resistência e beleza.

Referências

BUSZEK, Maria Elena (org.). *Extra/ordinary: Craft and Contemporary Art*. Durham: Duke University Press, 2011.

FLETCHER, Kate; GROSE, Lynda. *Fashion & Sustainability: Design for Change*. Londres: Laurence King, 2011.

GAUNTLETT, David. *Making is Connecting: The social meaning of creativity, from DIY and knitting to YouTube and Web 2.0*. Cambridge: Polity Press, 2011.

GREER, Betsy. *Knitting for Good!: A Guide to Creating Personal, Social, and Political Change, Stitch by Stitch*. Boston: Trumpeter, 2008.

HOOKS, bell. *Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*. Nova York: Routledge, 1994.

PARKER, Rozsika. *The Subversive Stitch: Embroidery and the Making of the Feminine*. Londres: Women's Press, 1984.

PRECIOSA, Rosane. Design como interrogação sensível do mundo. *Revista Estudos em Design*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 41–55, 2021.

PYM, Celia. *On Mending: Stories of Damage and Repair*. Saltaire: Quickthorn, 2022.

SINNER, Lauren. Textile Art as Activism: The Personal as Political in Craft Practices. *Surface Design Journal*, Spring 2018.

